

Sugestão de  
leitura  
Educação  
**10.2019**



Ó, J. R. (2019). *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Saguão.

**ENS/SUP Ó\*FAZ**

Sugestão de  
leitura

Educação  
10.2019

Ó, J. R. (2019). *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Saguão.

**ENS/SUP Ó\*FAZ**

Neste livro, Jorge Ramos do Ó repensa a escrita produzida na Universidade e, com ela, o que é a Universidade: quais os constrangimentos que opera, as formatações e as forças que nela prevalecem para a fixação de sentidos e para a progressiva rigidez dos modos de pensar. Nas suas palavras: “...o problema que envolve o ato de escrever é o de saber como produzir enunciados que abandonem os princípios a toda a hora expressos pela lei – e pelas instituições que a introduzem no corpo social através das mais variadas rotinas de representação disciplinar e unitária da herança cultural, fazendo para isso uso do saber como um corpo de prescrições e um círculo em que se desenrolam verdades –puxando a linguagem para fora dos seus sulcos habituais e fazendo-a comunicar com o que será o seu próprio exterior. Creio que o grande problema face à investigação na universidade, e que tentamos transpor para a realidade do texto, é e será sempre o de forçar o presente a sair dos processos de significação existentes e seus correlatos interditos, a disponibilizar-se a todo o tipo de encontro com o desconhecido. Como se a escrita pudesse assumir não apenas uma dimensão cética mas mais rigorosamente uma força agonística – em que o que se toma por universal, necessário e obrigatório se passe a perceber como singular, contingente e arbitrário –, e cujo efeito último fosse o de nos desencartarmos da previsibilidade e homogeneidade disciplinar com que se apresentam as identidades e os

modos de vida contemporâneos, mesmo se postos a circular com a rotulagem da subjetividade e da mais ampla diversidade individual. Como se ela nos forçasse a entrar no não conhecido e, dessa forma, nos pressionasse ao estabelecimento de novos pactos entre o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta. É daqui que deriva a hipótese de uma escrita inventiva, experimental.”

A sua análise, que remonta a Platão e revisita os métodos de ensino ocidentais que se sucederam desde esse momento de eleição da escrita em detrimento do oral, opera um diálogo constante com o presente para o confrontar com o passado. A par dessa genealogia, Jorge Ramos do Ó faz um intenso trabalho em torno de um conjunto vasto de autores, entre os quais Quintiliano, Erasmo de Roterdão, Michel de Montaigne, Walter Benjamin, Roland Barthes, Maurice Blanchot, Michel Foucault, Jacques Derrida, Pierre Bourdieu, Michel Serres, Gilles Deleuze, Paul Ricoeur ou António Nóvoa, que resulta na proposta — e desejo — de mudar radicalmente a Universidade através da cultura de reciprocidade professor/aluno e de uma escrita anti-normativa e inventiva.

O texto que está na base desta publicação foi apresentado à Universidade de Lisboa para a obtenção do título de agregado em Educação em 2017. Em torno dele o autor questiona e instiga ao questionamento em torno da escrita académica, da Universidade e do papel do professor no encontro com o aluno, particularmente aquele que escreve uma tese. Daí que o motor do texto seja o fortalecimento do desejo da escrita na universidade, a partir no seu próprio interior, na análise e reflexão colocadas na escrita e pela escrita do autor. É este “fazer a mão” a que se propõe Jorge Ramos do Ó, propondo ao leitor esse mesmo caminho e propósito.

Texto adaptado da introdução e textos dos editores,

*Divisão de Documentação*